



50 anos depois de “É preciso avisar toda a gente”

Publicado em 2025-11-29 13:36:31



BOX DE FACTOS

- Luís Cília viveu no exílio em Paris antes do 25 de Abril, onde musicou poemas politicamente comprometidos com a luta contra a ditadura em Portugal.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Meio século depois, a canção mantém uma inquietante actualidade num país formalmente democrático, mas marcado por desigualdade estrutural, corrupção e mediocridade política.
- O texto reivindica escrever e publicar livremente como herança do espírito de Abril e continuação do gesto de “avisar toda a gente” no século XXI.

É preciso, imperioso e urgente

Nascida no exílio em Paris pela voz de Luís Cília, a canção “É preciso avisar toda a gente” era um aviso contra a ditadura visível. Cinquenta anos depois, o aviso renasce num país onde a opressão veste fatos democráticos, a mentira é política de Estado e o cérebro humano é convocado todos os dias para escolher: fabricar patranhas ou servir a lucidez.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pela voz de Luís Cília, sobre um poema de João Apolinário. Corria a década de sessenta, Portugal vivia debaixo do grilhão do Estado Novo e muitos dos melhores tinham partido: uns para escapar à guerra colonial, outros para fugir à censura e à PIDE, todos para respirar um pouco de dignidade.

Nessa geografia de desterro, entre cafés fumegantes e reuniões clandestinas, surge uma canção que é mais do que música: é senha, código, palavra-passe de resistência. Uma frase simples, insistente, martelada como quem bate à porta da consciência:

“É preciso avisar toda a gente”

Era preciso avisar porque o medo era lei, o silêncio era método e a mentira oficial revestia-se de farda, batina e editorial. Avisar significava furar o bloqueio informativo, passar de boca em boca aquilo que os jornais não podiam escrever e a rádio não se atrevia a transmitir sem interferências vindas do Terreiro do Paço.

O exílio de ontem e o exílio de hoje

Meio século depois, essa canção ecoa num país formalmente livre, mas atravessado por uma outra forma de exílio: o exílio

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Hoje já não somos expulsos pela polícia política, somos empurrados pela falta de futuro: salários de miséria, habitação inacessível, serviços públicos em ruína lenta. Há menos fronteiras com arame farpado, mas há aeroportos cheios de jovens com bilhete só de ida. O exílio mudou de forma, não de essência. O regime já não precisa de proibir canções; limita-se a abafar as vozes com ruído: polémicas vazias, debates fabricados, escândalos em rodízio que nunca tocam na raiz do problema.

Patranhas: o combustível da máquina

Chamemos as coisas pelo nome: vivemos mergulhados num oceano de patranhas. Patranhas orçamentais, quando nos anunciam excedentes triunfais sobre um país de salários medíocres e pensões humilhantes. Patranhas políticas, quando nos dizem que **não há alternativa** à coligação invisível entre interesses privados e um Estado capturado. Patranhas mediáticas, quando a espuma do dia é fabricada para esconder o lodo estrutural.

Estas patranhas não surgem do nada: são produzidas por cérebros muito concretos, instalados em gabinetes, conselhos de administração, agências de comunicação. É a biologia ao serviço da mentira – neurónios que poderiam criar

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

servidão

O cérebro humano é um laboratório ambivalente. Com o mesmo tecido nervoso, somos capazes de descobrir galáxias ou escrever decretos-lei obscuros para proteger interesses ocultos; podemos compor sinfonias ou campanhas de manipulação; podemos erguer pontes ou erguer barreiras invisíveis à dignidade de milhões.

A biologia é neutra, a ética não. A questão não é apenas como pensamos, mas para que pensamos. Quando um governo, um banco, um grupo económico ou um aparelho partidário decidem pôr a inteligência ao serviço da patranha, estão a transformar a mais sofisticada obra da evolução num instrumento de servidão.

Por isso, o verdadeiro combate não é entre **ignorantes** e **iluminados**, mas entre cérebros que escolhem a lucidez e cérebros que escolhem a conveniência. A mentira de Estado, o relatório enganoso, a narrativa oficial bem polida são sempre produtos de neurónios bem alimentados – só não são bem orientados.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quando São Paulo cantava, Maria Rita de Magalhães, discos que atravessavam fronteiras escondidos em malas, panfletos policopiados à mão, reuniões em casas fechadas. Hoje temos fibra óptica, blogs, redes sociais, plataformas globais de vídeo e áudio. A tecnologia mudou tudo e, ao mesmo tempo, não mudou o essencial: continua a haver quem queira calar, distrair, confundir.

Escrever e publicar livremente, neste contexto, é uma forma de herdar esse legado. Não somos exilados em Paris, somos exilados dentro de um país que se habituou a conviver com a injustiça como se fosse clima. Cada crónica, cada ensaio, cada fragmento publicado contra a corrente é um pequeno acto de resistência neurológica: usar o cérebro para desfazer patranhas em vez de as fabricar.

Meio século depois: continuar a avisar

Cinquenta anos depois do 25 de Abril, a canção continua actual porque o aviso nunca foi só contra uma ditadura concreta: foi e é um aviso contra todas as formas de opressão, visíveis ou mascaradas, legais ou legitimadas pelo hábito.

Hoje, o aviso não é apenas sobre prisões e censura. É sobre pobreza estrutural em plena era da abundância, sobre corrupção sistémica apresentada como **casos isolados**,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Continuar a avisar toda a gente é isto: recusar o conforto das patranhas, convocar o cérebro para a responsabilidade, lembrar que a liberdade não é apenas um regime político – é uma disciplina de lucidez. E cada texto que se ergue contra a mentira institucional é um pequeno laboratório onde o cérebro recupera a sua vocação original: buscar a verdade, mesmo quando dói.

Mais uma crónica para que a história saiba que houve quem visse, quem entendesse e quem se recusasse a pactuar.

Epílogo – “É preciso avisar toda a gente”

No coração desta crónica está a lembrança de uma canção nascida no exílio e de um poema que continua a soprar brasas sobre a memória colectiva. Fica aqui o lugar simbólico para essa voz:

«É preciso avisar toda a gente»

É preciso avisar toda a gente dar notícia, informar, prevenir que por cada flor estrangulada há milhões de sementes a florir. É preciso avisar toda a gente segredar a palavra e a senha engrossando a verdade corrente duma força que nada detenha. É preciso avisar toda a gente que há fogo no meio

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

urgente mais tiores, mais tiores, mais tiores. Joao Apolinario
(1924-1988), in “Morse de Sangue”, Porto, 1955

Poema de João Apolinário (letra musicada por Luís Cília)

Crónica de opinião de **Francisco Gonçalves** (Fragmentos do Caos).

Texto co-criado com o assistente de IA **Augustus Veritas**, ao serviço
da memória crítica e da insubmissão cívica.

[leia]



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)